

Discursos Imagéticos: a fotografia como método da pesquisa social

Julice Salvagni¹

Marco Antônio Negri da Silveira²

Resumo: Discorre-se teoricamente acerca de um método de coleta e análise de dados fotoetnográficos aplicável às pesquisas sociológicas cuja narrativa do discurso imagético se articula aos demais dados da realidade empírica. Defende-se o uso de fotografias documentais como parte integrante das narrativas advindas da observação participante – principal ferramenta do método de investigação etnográfico – com a proposta interdisciplinar de compor as pesquisas através da interlocução dos estrados escritos e imagéticos. Discute-se a função social da fotografia e a sua interlocução com o método científico como fonte de captura dos modos de vida da sociedade. Apontam-se as formas que constituirão uma metodologia de coleta e análise dos dados. Considera-se a fotoetnografia como elemento essencial para o reporte da realidade social em pesquisas empíricas. É preciso ampliar os limites do uso da fotografia na produção de sentido e significado dos fenômenos sociológico a fim de compor uma interlocução da arte com a ciência.

Apresentação

Este estudo releva uma espécie de roteiro fotoetnográfico a ser usado como base metodológica de trabalhos científicos nas ciências sociais. Esta proposta, de envolver a fotografia enquanto parte da narrativa etnográfica, bem como dos dados a serem analisados em pesquisa, possibilita a criação de estudos sobre a realidade sociológica de forma mais complexa no sentido de incluir ao discurso científico um texto imagético que é incorporado à produção analítica das pesquisas ‘convencionais’.

O que propomos nesta discussão, contudo, é um debate sobre os limites da própria fotoetnografia proposta por Achutti (2004). Enquanto método, de um lado, este delineamento é pouco legitimado pela academia no sentido de as fotografias não serem aceitas nas ciências sociais como uma produção narrativa, a saber, que fale por si mesma. Desta forma, os textos da área costumam incorporar um catálogo imagético apenas como sinônimo de dado bruto, o que se supõe que devam passar por um crivo analítico que os permitam ser interpretados. É importante ressaltar que, para o conjunto da pesquisa que concebemos, as fotografias não são as únicas fontes de dados ou narrativas; a observação participante, a composição de diários e

¹ Doutoranda em Sociologia – UFRGS.

² Graduado em Turismo – PUCRS.

demais entrevistas específicas fazem parte do delineamento etnográfico. Contudo, para o presente estudo, nos dispomos apenas a ampliar um dialogo referente ao uso das imagens na construção etnográfica.

A função social e científica da fotografia

A fotografia não costumava ser muito comum entre certos grupos da sociedade, como aos camponeses, por exemplo, observado por Bourdieu e Bourdieu (2006), mas desde sempre representou um registro simbólico significativo de um recorte das vivências em sociedade. Já na atualidade, com o advento dos aparelhos celulares, por exemplo, que hoje são em sua maioria equipados com câmeras fotográficas de boa qualidade, a relação dos sujeitos com as imagens tende a se ampliar, pelo menos no sentido quantitativo, ou seja, na propagação do uso da fotografia pelos mais diferentes grupos sociais. Mas fazer do uso da fotografia como meio de expressão, contudo, ainda continuam sendo algo distante das massas da sociedade, até porque as concentrações de exposições fotográficas continuam nos mesmos lugres elitizados de sempre e incluem o mesmo público das natas intelectualizadas, exceto as felizes e raras exceções.

O uso da fotografia, portanto, segue tendo para a maioria das pessoas o propósito de registrar os momentos da vida em sociedade. De fato,

[...] a fotografia surge, desde o início, como o acompanhamento necessário das grandes cerimônias da vida familiar e coletiva. Se se aceitar, com Durkheim (1995), que as cerimônias têm por função reanimar o grupo, percebe-se por que a fotografia deve estar associada a elas, já que provê os meios para eternizar e solenizar estes momentos intensos da vida social, em que o grupo reafirma a sua unidade. (BOURDIEU e BOURDIEU, 2006, p. 32)

E mesmo que na atualidade o mundo venha sendo bombardeado não só com a facilidade de produção fotográfica, bem como pela rapidez de pode propagar as imagens através das redes sociais, as imagens continuam sendo referente aos encontros que se produzem no meio social e sob a proposta de um registro.

O que pretendemos com o uso da fotografia em pesquisa científica é a captura de imagens em paralelo com o desenvolvimento da etnografia, tornando, assim, esta uma pesquisa fotoetnográfica. Ou seja, a fotografia pode compor o método etnográfico, como uma narrativa que se somará as vivências e observações constituindo, ao mesmo tempo, um dispositivo para alterar ou provocar novos discursos através da interação. No mais, a fotografia usada como dispositivo de linguagem acadêmica cria a possibilidade de maior propagação dos estudos através do uso indiscriminado destas narrativas imagéticas. Isso quer dizer que a fotografia

representa uma facilidade no sentido de fazer com que o trabalho acadêmico possa transitar não só nas outras áreas de conhecimento que não as ciências sociais, como também entre o público leigo que venha a se interessar sobre o assunto.

Existe, portanto, algo de lúdico na comunicação da fotografia que é capaz de ocupar o espaço de imortalizador daquela cena, momento, sociedade ou mesmo de uma fase da vida de alguém. Especialmente em se tratando de uma fotografia documental, é justamente aquele momento compreendido como banal da rotina dos respondentes que pode vir a se transformar num importante item da memória da sociedade, possibilitando que a vida cotidiana possa vir a se transformar em um tipo de arte que está a serviço da pesquisa.

Bourdieu e Bourdieu (2006) destacam uma questão interessante quanto à importância social da fotografia, especialmente nas suas particularidades às diferentes idades dos sujeitos. Segundo os autores, “à medida que a sociedade dedica mais atenção às crianças e, dessa forma, às mulheres enquanto mães, o hábito de tirar fotografias de crianças aumenta” (p. 33). Constatamos que esta é uma característica dos pequenos núcleos familiares tanto quanto dos grupos quando passam a ter maior visibilidade no mundo acadêmico. Estas minorias, igualmente, passam a ser mais fotografadas. E, de todo modo, a ênfase na dialética entre a imagem e a palavra é a embasamento da construção social da realidade que busca iluminar memórias, reminiscências e particularidades dos sujeitos estudados.

O dispositivo fotográfico, por um lado, cria um atrativo a mais para a relação do pesquisador com a realidade social a ser investigada, já que este apresenta ao sujeito investigado a possibilidade de ele vir a fazer parte de uma composição científica pelo simples empréstimo da sua imagem. Por outro lado, este também pode se tornar um impasse ético à academia que necessita se resguardar do consentimento do sujeito em ter não só a sua fotografia publicada, tal e qual nos modelos da imagem artísticas, mas também analisada e compilada como dado de pesquisa, seja por sua aparência, expressão, vestimenta, etc.

Desenvolver academicamente uma narrativa imagética, que contemple a tendência de uma cultura visual, nos parece ainda acompanhar as transformações inegáveis da atualidade que se usa de recursos visuais como algo intrínseco à realidade das relações. Os meios de comunicação, a propaganda e a internet ajudam a compor uma lógica de apresentação das relações humanas cuja imagem ocupa um lugar de excelência.

Advogamos, portanto, a criação de uma pesquisa narrativa de ordem interdisciplinar que possibilite à sociologia percorrer outros saberes, confundir-se e transformar-se em conjunto com a arte, especialmente no que diz respeito à produção imagética, para poder contribuir com a manifestação dos discursos sociais. A fotoetnografia (Achutti, 2004) representa a

possibilidade de criação de uma antropologia visual que abre espaço para a fotografia como elemento de composição etnográfico. Nesta abordagem, pretende-se

[...] trabalhar o potencial narrativo da imagem fotográfica, afirmar a sua utilidade na composição de textos visuais como recurso de uma nova forma de escritura específica de que o antropólogo dispõe para falar da realidade. Trata-se de uma nova forma narrativa concebida na perspectiva de uma antropologia interpretativa tendo como uma de suas características a de se oferecer como escrita, ‘construção da construção dos outros’, aos esforços interpretativos do leitor/espectador. (ACHUTTI, 2004, p. 72)

Esta definição, contudo, nega a possibilidade desta *nova forma de escrita*, composta por imagens, ser analisada. O que propomos é um método cujo trabalho fotográfico não tenha grandes pretensões para além da construção da narrativa, mas que possa vir a ser tratado como dado de pesquisa descritiva. Assim, este ensaio fotográfico que poderá compor as pesquisas científicas poderá ganhar mais visibilidade uma vez que interpretado, mas também poderá compor uma narrativa individual, destacada do texto que a ilustra segundo as análises do autor. Consideramos, no entanto, que estas análises não são composições fechadas em si, mas sim *ensaios*, já que não representam os momentos definitivos e quando muito se referem ao ato de treinar uma leitura da realidade social.

Entendemos que esta análise deve manter o caráter de ensaio justamente por se tratar de uma leitura que o pesquisador faz de uma realidade contingente feita de e nas relações já que “o que é fotografado, e aprendido pelo leitor da fotografia, não são propriamente indivíduos na sua particularidade singular, mas sim papéis sociais” (BOURDIEU e BOURDIEU, 2006, p. 34).

Embora a antropologia, e ainda assim muito discretamente, seja a disciplina que mais se ocupe do método fotoetnográfico, propomos trazer esta discussão para a sociologia e mesmo para os aspectos sociopsicológicos ressaltados nesta tese a fim de fazer com que o método possa vir a ser difundido em diferentes áreas de pesquisa e produção de conhecimento, inclusive atentando para um olhar interdisciplinar que se faz indispensável na construção dos saberes na atualidade.

Destarde, entendemos que

[...] quando uma narração visual que utiliza da fotografia é articulada com um texto escrito que, por sua vez, já alcançou a sua legitimidade, ela só tem a contribuir – da mesma forma que a poesia e a literatura – para enriquecer e facilitar as interpretações dos dados, particularmente quando estes resultam de universos sociais cuja densidade e complexidade crescem a cada dia e nos quais as imagens se impõe cada vez mais como elementos próprios à

sociabilidade, como reveladores das diferentes práticas culturais. (ACHUTTI, 2004, p. 83)

Com a fotografia servindo de apoio á escrita já existente, é possível descrever elementos imperceptíveis pela análise das falas, mergulhando no universo simbólico das representações dos ambientes onde estas falas foram produzidas.

Uma vez que a “fotografia é vista como artigo de luxo” (BOURDIEU e BOURDIEU, 2006, p. 35), tanto pelo valor comercial que ainda representa, como pela condição de marcar os rituais de passagens ou demais momentos importantes da história de vida dos sujeitos em relação, estimamos que esta fotografia usada nas pesquisas sociológicas seja um elemento enobecedor da obra como um todo, bem como que tenha, quem sabe, a capacidade de enaltecer o trabalho das próprias caminhoneiras. “Fazer parte de uma fotografia é garantir o testemunho da presença” (BOURDIEU e BOURDIEU, 2006, p. 37) e nos parece uma ferramenta importante de provocação do reconhecimento do próprio trabalho que está sendo observado.

Ainda, traçamos uma proposta de trabalho que busca o consentimento livre e esclarecido assinado pelas participantes da pesquisa a fim de garantir que as mesmas autorizem o uso das imagens que podem vir a ser utilizadas em demais publicações. Isso nos sugere a necessidade da criação de uma relação com o pesquisado elucidada o suficiente, sobre os processos pretendidos com a coleta dos dados, para que ela se deixe fotografar. Este processo pode ser considerado ainda mais invasivo na relação do pesquisador com pesquisado uma vez que “ao olhar para a pessoa que olha para mim (ou que me fotografa), ao preparar a minha postura, dou-me para ser visto; dou a imagem de mim próprio que quero dar e, muito simplesmente, dou a minha imagem” (BOURDIEU e BOURDIEU, 2006, p. 38).

Fotografar, portanto, é trabalhar com a perspectiva em que se “opera um corte instantâneo no mundo visível e, ao petrificar o gesto humano, imobiliza um estado único da relação recíproca entre as coisas, e pretende o olhar num momento imperceptível de uma trajetória completa” (BOURDIEU e BOURDIEU, 2006, p. 39). Os mesmos autores, falando do uso da fotografia nas pesquisas das ciências sociais, afirmam que “onde o objetivo é captar o efêmero e o acidental, a fotografia é apropriada, já que não pode captar o aspecto fugaz ao desaparecimento irreversível, sem o constituir como tal” (p.39).

Nesta perspectiva, as imagens devem ser fragmentos do meio social divididos em categorias para facilitar tanto a análise quanto a exposição do material. O formato destas imagens pretende ser o mais subjetivo, mostrando tanto no fotografado quando no enquadramento, aquilo que realmente transcende a intenção de uma fotografia casual, sendo, pois, um documento da realidade social.

A fotografia feita para ser um documento, em seu sentido, estrito, cumpre melhor as suas funções de transportar informação para *amanhã* quanto mais comum, convencional e redundante ela for hoje, isto é, quanto mais autenticamente ela reproduza o código geral. Entretanto, é precisamente isto que a estética predominante na fotografia documental não deseja. São as tomadas estritamente científicas ou descuidadas, os instantâneos particulares e amadorísticos, as fotografias triviais e quotidianas que devem ser vistas como os documentos mais críveis e genuínos. (Müller-Pohle, 2009, p. 18).

Não trabalharemos com a fotografia como mero registro de um recorte da realidade, mas sim, com a fotografia documental enquanto uma estratégia de impregna-la de um sentido, de uma emoção e, por isso, de arte. É uma fotografia intencional e pouco ingênua de uma relação de poder invisibilizada, subjetividade, que se estabelece através da identidade de gênero em relação do trabalho masculinizado destas mulheres que deve ser representada, também, através das imagens.

A fotografia que representa uma “mudança de paradigma estético, uma reorientação que se distancia de um princípio de beleza e se move em direção a um princípio de formação/inação” (MÜLLER-POHLE, 2009, p. 14). Dentro da pesquisa sociológica, por sua vez, a fotoetnografia também é composta por uma mudança já que se trata de incluir a arte na composição teórica do trabalho acadêmico e não apenas usar a fotografia como elemento de dado bruto.

Mesmo que as fotografias sirvam para justificar as análises textuais, complementem o discurso inscrito nas vivências de pesquisa e nas falas colhidas ao longo do trabalho de campo, ainda assim, há uma intenção em acoplar as imagens em separado da tese para enfatizar uma reflexividade do autor com a própria imagem. Isso nos dá a possibilidade de explicar a intencionalidade da imagem, através da cena, da luz, do conteúdo, do enquadramento e de demais elementos que compõe a imagem e, ao mesmo tempo, dá a liberdade para que o leitor tenha as suas próprias percepções diante da imagem que adotamos enquanto formato de arte.

Pretendemos, por isso, destacar de cada imagem os seus pontos cegos, aquilo que há de mais intrínseco às relações observadas e que pode vir à tona com o recurso da imagem, inclusive, como amostra de validade dos resultados. A imagem, assim, se abrirá às discussões como uma janela capaz de refletir um ponto de vista da realidade que esta sendo reproduzida com base no encontro de pressupostos empírico-teóricos. Estas composições imagéticas devem buscar retratar a complexidade da maior quantidade de elementos da realidade, como espaço, movimento, sentimento e subjetividade.

De todo modo, as imagens necessitam de uma explicação, necessitam de um texto. A imagem dá um caminho para pensar, mas objetivamos entrar na imagem e descreve-la nas suas

obscuridades e impressões. Mas, ao mesmo tempo, como as fotos serão agrupadas em um catálogo destacada do texto, estas seguem livres em um espaço que é reservado só para a fotografia e que está à mercê da interpretação dos mais distintos olhares.

Considerações finais

O uso pictórico da fotografia enquanto objeto auxiliar à narrativa acadêmica ainda pertence a um campo interdisciplinar em fase de estruturação. Esta possibilidade de a arte colaborar nas descobertas da realidade social compõe um campo de conhecimento complexo, arriscado e que dialoga sob a falta de consenso. Não raro, trabalhos que enfatizam esta abordagem podem vir a cair no descrédito do rigor acadêmico, que por hora segue preso a contornos de validade por vezes injustificáveis e limitadores da criação de um conhecimento mais versátil, ousado ou até mesmo inovador.

A fotoetnografia, técnica de pesquisa mais difundida nos departamentos antropológicos, representa um potencial criativo ainda pouco explorado no que diz respeito à relação que se pode fazer entre esta perspectiva mais artística (fotográfica) e os achados teóricos (epistemológicos) que se criam a partir das descobertas dos novos cenários empíricos.

Defendemos a composição de um entendimento da fotoetnografia que seja flexível a ponto de permitir, por vezes, a interpretação das imagens que a compõe, mas que tampouco se prenda a necessidade de codificá-las. Isso confere ao método fotoetnográfico proposto por Achutti (2004) algumas revisões, no sentido de incluir a possibilidade analítica do material, que desta forma pode vir a ser usado não só como texto, mas também por vezes como dado, ao mesmo passo em que altera a base científica já aceita pelas ciências sociais em se tratando do uso de imagens, na medida em que adere à proposta do método de usar a imagem também como narrativa, tão válida quanto à escrita.

Enfatizamos a qualificação atribuída sobre o uso da fotografia na pesquisa sociológica, especialmente pela amplitude de riquezas que os próprios campos podem oferecer. No mais, nos parece que a combinação entre o fazer arte e o desenvolvimento de conceitos empírico-teóricos seja uma divertida e primorosa oportunidade de olhar a realidade.

Referências bibliográficas

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

BOURDIEU, Pierre. BOURDIEU, Marie-Claire. **O camponês e a fotografia.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 26, p. 31-39, jun. 2006.

MÜLLER-POHLE, Andreas. **Estratégias de informação.** Boletim 3 - Maio 2009. Grupo de Estudos Arte & Fotografia Dap-eca-usp, 2009.